

# O Brasil pode e tem condições de superar as dificuldades (I)

Henrique Pedro David  
de Sanson (\*)

As estatísticas demonstram que o Brasil é a nona, ou talvez a oitava, economia mundial em PIB. Logo abaixo dos maiores produtores de aço, Japão, União Soviética, Estados Unidos e Alemanha, estamos com França, Itália e China na casa dos 20 milhões de toneladas anuais; ultrapassamos Inglaterra, Bélgica, Polônia, etc. Porém, a nossa primeira siderúrgica só iniciou sua produção em 1945 e alcançamos o primeiro milhão de toneladas em 1955. As expansões em andamento deverão permitir atingirmos 30 milhões de toneladas até 1990.



A indústria automobilística começou a ser instalada em 1956. Produz 1 milhão de veículos anuais (em média) e exporta quase 2 bilhões de dólares. Com as expansões em andamento, deveremos produzir e exportar muito mais.

As nossas indústrias básicas e de bens de capital, nas quais muito contribuíram os investimentos feitos por firmas estrangeiras, mas também de firmas genuinamente brasileiras, já têm "know-how" e capacidade para produzir 90% dos equipamentos para nossa expansão industrial, com matérias-primas aqui produzidas.

Esses são uns poucos exemplos, e poderia citar centenas de outros do nosso atual desenvolvimento.

formação política e até religiosa sejamos uma só nação, existem muitos Brasil. Os crescimentos demográfico e industrial acelerados não foram uniformes e homogêneos. Provocaram uma distribuição de renda muito desequilibrada, não só nas classes sociais como também nas regiões geográficas.

Mas esse crescimento industrial acelerado foi o resultado de uma política pela qual tivemos de optar. O aumento populacional em escala tão drástica obrigava à criação de um número elevado de empregos para absorver o 1,5 milhão de jovens que entram na faixa de trabalho a cada ano. E sabido que, com as modernas técnicas, a agricultura sozinha não tem essa capacidade de absorção. Mas só com a poupança interna este programa não poderia ser executado. Partimos para complementá-lo com poupanças externas. Estas poderiam ser canalizadas com a vinda de capital de

risco ou com financiamentos. Utilizamos as duas formas.

Só para lembrar: foram atraídos investimentos dos principais países europeus. Vieram grupos franceses, como Rhône-Poulenc, Michelin, Alsthon. Conglomerados bancários, como Crédit Lyonnais, Société Générale, etc. O grupo belgo-luxemburguês da Arbed, através da Siderúrgica Belgo-Mineira. Da Alemanha, Volkswagen, Mannesmann, Krupp, Siemens, Bayer, Mercedes-Benz e muitos outros. Da Suécia, uma série de investimentos e associações, como a Volvo, a Skandia, a SKF, etc. Da Itália, a Badoni, a ATB, a Fiat, etc. Da Holanda, o grupo C&A. Além disso, inúmeras "joint-ventures" ou contratos de licenciamento foram realizados. A menor participação foi da Inglaterra, que desde o pós-guerra se vem retirando do nosso mercado.

Obtivemos financiamentos de governos e bancos

particulares, com a contrapartida de adquirirmos equipamentos e instalações importados de vários países. Da França, usinas hidrelétricas; da Alemanha, o programa nuclear. Da Inglaterra, equipamentos siderúrgicos, para citar só alguns.

Estudos geológicos feitos durante os últimos 25 anos mostraram a pouca ocorrência de petróleo na nossa bacia continental. Partiu, então, a empresa estatal Petrobrás para a construção de refinarias e petroquímicas, baseadas no petróleo importado, que, antes da crise, saía a menos de 3 dólares o barril. O nosso consumo foi aumentado com o desenvolvimento da indústria automobilística e com a extensão da rede rodoviária, chegando a 1,2 milhão de barris/dia.

Com as duas crises do petróleo, este foi para 30 dólares o barril. Começaram os nossos déficits comerciais. Anos houve em que, na importação, o petróleo figu-

rou com 10 bilhões de dólares, representando 80% desta.

Numa política energética para reduzir este rombo, lançamo-nos na pesquisa off-shore e estamos produzindo 64% do nosso consumo. Com as recentes descobertas de campos gigantes em águas profundas, tudo leva a crer na auto-suficiência até 1990. Lançamos também o programa do álcool para mover veículos e 80 a 90% dos carros produzidos são para motor a álcool.

Mas não foi só na industrialização que nos expandimos. De monocultores de café até há cinquenta anos, passamos a primeiro produtor também de açúcar, a segundo de soja, suco de laranja e cacau e de muitos outros produtos de menor destaque. Somos grandes exportadores de minérios, principalmente de ferro, e de uma longa pauta de produtos agropecuários. Temos um dos grandes rebanhos do mundo.

Mas os investimentos através dos empréstimos e o déficit do petróleo provocaram uma dívida externa considerável. Porém, o que a fez crescer ainda mais foram os juros, que dispararam, tendo alcançado até 20% ao ano.

Iniciamos uma dura política de contenção de gastos e, já no ano passado, obtivemos um saldo positivo na balança comercial acima de 13 bilhões de dólares, todo absorvido para pagar somente o juro da dívida. Neste ano deverá repetir-se o mesmo saldo e a mesma absorção.

Mas isto está conduzindo-nos a um empobrecimento interno apavorante e pela primeira vez, de 1980 a 1984, a renda per capita vem declinando. O salário mínimo mensal está abaixo de 40 dólares, quase igual ao que ganha um operário europeu ou americano por dia.

(\*) Vice-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

Mas passamos de uma economia agrária de monocultura para uma fase industrial com as distorções que tal fenômeno acarreta, ou seja, uma fuga do campo para a cidade. Há cinquenta anos, tínhamos 80% de população rural e 20% urbana; hoje, o quadro é exatamente o inverso. De uns 10 milhões de habitantes no princípio do século, somos hoje 135 milhões, com uma proporção esmagadora de jovens e crianças.

Na realidade, embora na língua, unidade territorial,